



**Resenha: COUTINHO, Amanda. *Trabalhadores da Cultura*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020**

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v11i21.49422>

**Renan do Nascimento Santos<sup>1</sup>**

O livro "*Trabalhadores da Cultura*", de autoria da pesquisadora Amanda Coutinho, é resultado de sua pesquisa de Doutorado em Ciências Sociais, defendida na Unicamp em 2017. O livro, posto em circulação em 2020 pela editora Brazil Publishing em suporte físico, também está disponível em versão digital gratuitamente pelos canais da editora<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Renan do Nascimento Santos. Doutorando em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, Brasil. E-mail: rnazzos@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0001-8949-9917>

<sup>2</sup> Ver: <https://aeditora.com.br/produto/trabalhadores-da-cultura/>

**Texto recebido em 29/03/2021, aceito para publicação em 03/06/2021 e disponibilizado online em 01/09/2021.**

O objetivo central do estudo de Amanda Coutinho é, em seus próprios termos, o seguinte: “descortinar a composição, a estrutura, a expansão, as tensões, assimetrias, lutas e formas de reconhecimento político profissional dos trabalhadores da cultura no Brasil.” (p. 13). A rigor, os *trabalhadores da cultura* dos quais a autora se ocupa em seu estudo são os músicos, em particular, aqueles chamados de *independentes*.

A abordagem que a autora traz para uma sociologia do trabalho artístico acompanha as conclusões de Pierre-Michel Menger em seu seminal livro “Retrato do Artista Enquanto Trabalhador” (2005), que caracteriza o mercado de trabalho artístico como laboratório da flexibilidade e o artista seria, nas configurações atuais de acumulação capitalista, a figura exemplar de trabalhador flexível. Coutinho engrossa o coro de uma série de outras pesquisas interessadas nas condições laborais dos músicos no Brasil, e a interlocução com estes estudos, feita em sua pesquisa, contribui para a construção de um quadro de referências que converge para a identificação de processos e relações de trabalho muito precários no campo da música.

Contudo, considero como um dos principais valores do estudo de Coutinho, a introdução da ideia de *independência*, de um lado, como um fenômeno dentro do grande campo das produções culturais que mobiliza suas questões e que seria “a expressão paradigmática de uma inclusão ainda mais subsidiária, cooperada, especializada e precária no mercado cultural” (p. 17), de outro, o *independente* como chave analítica para compreender estas dinâmicas de trabalho dos músicos.

Já no primeiro capítulo, “*Artistas independentes: conceitos em discussão*”, ao construir uma categoria de independência suficientemente estável para os objetivos da pesquisa, o debate ganha em consistência e complexidade quando trata de pôr em evidência não apenas como os artistas reivindicam tal independência discursivamente e na operação da cadeia produtiva, como também põe foco nas outras relações de dependência que se estabelecem em consequência e nos efeitos que esta independência pode ter para o trabalho concretamente realizado por estes trabalhadores artistas. A questão da independência como opção e como contingência é recolocada diversas vezes ao longo do debate, tensionado de um

lado, autonomia e liberdade artística, de outro, intermitência, polivalência e intensidade do trabalho.

Para examinar estas questões, Coutinho toma como pontos de referência um conjunto de 22 músicos independentes, em diferentes níveis de inserção no mercado de trabalho artístico, com quem dialoga sobre temas como os sentidos do trabalho artístico, as estruturas de remuneração, relações familiares e de formação, migrações artísticas, concepções acerca da independência, polivalência e empreendedorismo cultural, modelos de negócios, políticas públicas, meios de comunicação, órgãos de representação, relações de gênero, raça e sexualidade.

O segundo capítulo "Trajetória e Formação" se aprofunda e analisa numa abordagem interseccional as trajetórias dos sujeitos interlocutores da pesquisa. Além das condições de classe, raça e gênero dos sujeitos, Coutinho considera também outras variáveis como faixa etária, orientação sexual, formação e a influência da família na busca por uma identidade artística e profissional e uma posterior inserção no mercado de trabalho.

É no capítulo seguinte, "*Retratos do mercado de trabalho artístico*", que a autora aponta a insuficiência de noções como dom e vocação para explicar o trabalho artístico e aposta numa abordagem apoiada em teóricos neomarxistas para analisar trabalho imaterial realizado pelos artistas, reconhecendo que tais teorizações informam dimensões importantes da reestruturação produtiva e mutabilidades do capitalismo contemporâneo. Contudo, Coutinho faz a ressalva que uma teoria sobre trabalho imaterial pouco esclarece sobre as condições e as lógicas de sua produção material e sobre as formas de remuneração e apropriação deste trabalho. A pesquisa passa então a considerar as facetas da precarização das condições de trabalho artístico: informalidade, hiperflexibilidade, trabalho intermitente e trabalho não pago, para citar algumas. Também é pertinente considerar como os sucessivos desenvolvimentos sociotécnicos, sobretudo a internet, alteraram profundamente as condições de trabalho possíveis para músicos independentes – tanto em termos de produção, distribuição, difusão, como também na recepção desta produção –, debate presente no capítulo "*Organização do trabalho e modelos de negócios*".

Os 22 artistas que compõem a amostra deste estudo afirmam que seus rendimentos vêm exclusivamente ou principalmente de suas atividades musicais. Independentes ou empreendedores culturais, como muitas vezes se identificam nos depoimentos selecionados por Coutinho, estes artistas refletem sobre o que significa trabalhar e “viver de música” nestas condições, mobilizando noções como liberdade e autonomia com incerteza e intensificação do trabalho. Questionados sobre a estrutura de renda básica que os permite viver de música, vêm à tona – no capítulo que recebe precisamente o título “*Viver de música*” – relatos que evocam unanimemente a predominância da indústria do show como principal fonte de remuneração e as condições de trabalho nesse segmento; a ampliação da autoextração do trabalho do músico e a polivalência de atividades; autogestão e empresariamento de si; informalidade, instabilidade e intermitência.

No último capítulo, “*Política Cultural Neoliberal*” Coutinho arremata seu esquema argumentativo reconstituindo brevemente a história das políticas culturais do Brasil desde a década de 1930, com suas sucessivas transformações até a presente década. Coutinho realiza um diagnóstico crítico do papel do Estado e sua gestão neoliberal da cultura, com a predominância do modelo de incentivo fiscal via Lei Rouanet, e também da lógica tecnocrática dos editais públicos de fomento.

Por fim, do ponto de vista da forma, a pesquisa está organizada numa estrutura coesa e favorecida também pelo texto claro, sem grandes rebuscamentos linguísticos – ainda que merecesse uma revisão ortográfica mais criteriosa. O livro “*Trabalhadores da Cultura*”, objeto desta resenha, é aqui leitura recomendada a pesquisadores e pesquisadoras interessados no grande campo da produção cultural, como um *retrato do músico independente no Brasil*.

### **Referências bibliográficas:**

MENGER, Pierre-Michel. *Retrato do artista enquanto trabalhador: metamorfoses do capitalismo*. Lisboa: Roma Editora, 2005.